



**GOVERNO DE
PORTUGAL**

MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL

DISCURSO DO MINISTRO DA DEFESA NACIONAL

JOSÉ PEDRO AGUIAR-BRANCO

DIA DO EXÉRCITO

Caldas da Rainha, 28 de Outubro de 2012

Soldados.

Celebramos, hoje, mais um dia do Exército.

Nestas ocasiões, é um dever e uma obrigação a prestação de contas por parte do Ministro. Prestar contas do que diz e do que faz.

Prestar contas perante o povo português mas, também, perante aqueles que estão, directamente, sob a sua responsabilidade.

É com este sentimento que aqui estou, uma vez mais. Para celebrar o vosso dia, mas, também, para prestar contas.

Há um ano, nesta mesma ocasião, disse-vos que confiava mais na arte e no engenho de um soldado português do que na tecnologia de dez veículos austríacos de transporte.

Disse-vos que confiava mais na argúcia e na coragem de um soldado português do que na capacidade de um helicóptero.

Disse-vos que entre o soldo de todos e o equipamento que só serve a alguns não havia opção possível. Mais, ainda, quando o país nos obrigava - como ainda obriga - à dureza das difíceis decisões. À dureza que impõe - dada a escassez - exigentes prioridades, assentes no realismo do que a todos toca e não no idealismo que move apenas a vaidade de alguns.

Disse-vos que a minha prioridade seriam os meus soldados. Todos os soldados.

Hoje, um ano depois, presto estas contas:

No último ano cortámos despesas e custos intermédios no Ministério da Defesa Nacional no valor de 19 Milhões de Euros.

Eliminámos direcções administrativas, cumprindo integralmente o Programa de Governo.

Saímos do Programa dos NH90, libertando 130 milhões para 2013.
Rescindimos o contrato das viaturas Pandur.

Cancelámos o concurso da arma ligeira que envolvia 80 milhões de euros.

Ao todo, desde que tomei posse como Ministro da Defesa Nacional, já tomámos medidas que permitem libertar o erário público, para os próximos anos, em mais de 1000 Milhões de Euros.

Um contributo importante para resgatar a liberdade das gerações vindouras - dos nossos filhos - para que estes possam encontrar no país a oportunidade que, hoje, só fora dele lhes é oferecida.

E fizemos tudo isto com eficácia, sem nunca, mas nunca, colocar em risco a operacionalidade das Forças Armadas Portuguesas.

Sempre disse que se havia instituição em Portugal capaz de, numa hora crítica da nossa história, dar o exemplo, essa instituição era, seguramente, a militar, as nossas Forças Armadas. E está a ser dado!

Alguns podem pensar que estes resultados não são uma boa notícia para os militares.

Que estamos a cortar em equipamento necessário ou que estamos a diminuir as nossas capacidades. Para esses, que persistem em iludir a realidade...

Repito o que vos disse há um ano: a minha prioridade, neste momento, são os meus soldados.

E foi a autoridade que conquistámos, no escrupuloso cumprimento das metas orçamentais, que nos permitiu prosseguir esta política - vital, arrisco a dizer - no momento que atravessamos.

Que nos permitiu, em conjunto com as chefias militares, concretizar o que muitos achavam impossível de acontecer:

As promoções que estavam suspensas... deixaram de estar – com o que se fez, também, o justo reconhecimento da especificidade da condição militar.

O sistema de saúde militar marinava na indefinição e... tomou um rumo. Não só irá nascer, em 2014, um novo e único Hospital Militar, como teremos, também, um melhor sistema de saúde para todos os militares!

A transição para a nova tabela remuneratória ameaçava encargos seríssimos para todos soldados, com danos certos para a coesão e moral militar, e encontramos a solução que dissolveu a ansiedade e restaurou a confiança, sem penalização remuneratória para a quase totalidade dos militares.

Mantivemos todas as isenções para os deficientes das Forças Armadas.

Garantimos a possibilidade de passagens à reserva, durante o ano 2013. Voltaremos a aumentar, no próximo ano, o orçamento disponível para as Forças Nacionais Destacadas. Espaço de afirmação da excelência do desempenho do soldado português, reconhecido na comunidade internacional e motivo de orgulho de todo um povo.

Há um ano fui claro nos objetivos. E não vamos mudar de linha.

A prioridade de todos os recursos disponíveis são os soldados.

Sei que não é uma linha fácil de seguir.

É uma linha que obriga à gestão criteriosa dos escassos recursos disponíveis e à realização de reformas estruturais que permitam conciliar as legítimas ambições dos militares com o nível de operacionalidade que todos ambicionamos para as Forças Armadas Portuguesas.

Obriga à nossa melhor competência, ao nosso mais elevado sentido de serviço público, à nossa mais pura solidariedade e ao nosso mais genuíno sentimento patriótico.

Minhas senhoras e meus senhores.

O nosso maior adversário não é a adaptação que nos é exigida à situação que o país atravessa. Nem tão pouco são as medidas da troika ou a contenção orçamental.

A forma como o Exército, no quadro das dificuldades impostas, tem sabido encontrar as respostas adequadas e oportunas, no plano estrutural, organizacional e na gestão dos recursos colocados à sua disposição, é bem a prova disso.

O nosso maior adversário é o sentimento, inegavelmente crescente, de que as Forças Armadas, num contexto de carência geral, não são necessárias.

É a visão simplista de que as despesas com a Defesa Nacional são um custo e não um investimento.

Uma visão que, infelizmente deixou de estar limitada a uns quantos idealistas mas que passou a ser defendida, também, por comentadores de fato cinzento e gravata azul.

Comentadores que olham para o Orçamento de Estado e dizem que é aqui que está a despesa que se pode cortar sem que o país sinta a sua falta.

Comentadores de fato cinzento e gravata azul, que têm do Estado e da soberania uma visão contabilística. Que encham as páginas dos jornais e os noticiários da televisão repetindo: para que servem as Forças Armadas?

Este discurso de um Portugal desarmado é perigosamente demagógico. Mas é um discurso que, por força da crise e da necessidade de criteriosas prioridades, se vai enraizando.

Nunca tive dúvidas que as Forças Armadas portuguesas seriam capazes de se adaptar às circunstâncias económicas e financeiras do país.

Que seriam capazes de atingir as metas definidas no Programa de Governo. Disse-o por mais de uma vez e em diferentes palcos.

Duvidar dessa capacidade é dar cobertura a quem, por juízo de oportunidade, retrata a instituição como ancora de privilégios, com o objectivo de colocar em causa a sua própria existência.

O discurso da inutilidade das Forças Armadas é, assim, o nosso maior adversário. Um adversário que ministros, generais e soldados têm de tomar como seu.

Com as suas palavras, com os seus gestos e com as suas ações. Todos os dias.

Porque este adversário é tão corrosivo, tão arriscado e tão perigoso para a segurança nacional como qualquer outra ameaça externa.

E o combate a este discurso começa aqui. Dentro dos quartéis:

Na forma como honram a democracia. Na forma como não permitem ser instrumentalizadas no debate partidário.

Na forma como, apesar de todas as dificuldades, continuam a servir o país, os portugueses e os superiores interesses da República.

Porque no dia em que as Forças Armadas se deixarem instrumentalizar ou envolver no debate partidário, é o dia em que estamos a dar a resposta, por nós indesejada, à pergunta dos comentadores de fato cinzento e gravata azul: para que servem as Forças Armadas.

Soldados

Nos últimos meses vi acotovelarem-se dezenas de figuras a falarem em nome das Forças Armadas. E falam. Muito. Aqui e acolá sem a elevação devida. Alguns até do púlpito que protege do contraditório.

Falam sobre o serviço nacional de saúde, o programa de ajustamento da troika, o subsídio de desemprego. Falam sobre a função pública, sobre a fiscalização do orçamento. Sobre PPP's ou política económica.

Falam sobre quase tudo, menos do Conceito Estratégico de Defesa Nacional, da programação militar, da importância das promoções, da excelência das missões de interesse público ou da racionalização de estruturas e de meios que permita aumentar o produto operacional.

Sobre estes assuntos nem uma palavra. Sobre os assuntos que verdadeiramente interessam aos soldados nem uma palavra. E assim vão dando razão a quem pergunta: para que servem as Forças Armadas?

E por isso deixem-me dizer claramente:

As Forças Armadas não estão nas páginas dos jornais e nas televisões. Não estão nas salas de hotel a discutir política.

As Forças Armadas, as verdadeiras Forças Armadas, estão aqui. Como hoje, e bem, o Exército nos dá mostra. No terreno, nos quartéis. Trabalham, preparam-se para que nada falhe no momento certo.

As Forças Armadas servem o país e os portugueses, com elevados padrões éticos e morais, assentes nas virtudes da lealdade, da honra, da disciplina e da camaradagem que caracterizam os militares.

Com o sentido nobre da missão que desempenham no quadro do Estado de Direito democrático, em que o povo exprime em eleições livres, directas e universais a sua vontade colectiva.

E se o vosso ministro é o primeiro a salvaguardar a posição das Forças Armadas no debate político, exijo e nunca admitirei que os soldados da República sejam usados para servir os interesses de uns poucos.

Seria abafar com o manto da circunstância o valor maior da vocação que distingue o ser militar!

Sei que é esse o sentir do Exército português, superiormente comandado pelo Chefe de Estado Maior General Pina Monteiro.

Sei que é isso que os portugueses esperam do seu Exército.

Disse